

UMA NOVA ETAPA

É na velhice que homens e
mulheres encontram uma
outra maneira de viver

Seu Assis e Dona Luci
fizeram do Asilo Padre
Cacique um lar

TEXTO | NATALIA CAGNANI e RAQUEL PIEGAS
FOTOS | ANDRESSA OLIVEIRA e LARISSA AMARAL





**Inaugurado
em 1892, o
asilo abriga
150 idosos**

Abandono, descaso, solidão. Essas palavras vêm na mente quando se pensa em asilo. Mas entre as quatro paredes de uma casa de repouso, muita história há para ser contada, e um universo diferente pode surgir a cada vez que se ouve um simpático velhinho falar sobre sua trajetória.

Cerca de 150 histórias de vida deixam as paredes brancas do Asilo Padre Cacique mais coloridas. A casa de repouso, que fica às margens do Guaíba, na Capital gaúcha, é mantida pela Sociedade Humanitária Padre Cacique, uma organização não-governamental, sem fins lucrativos. Originalmente concebida pelo padre baiano Joaquim Cacique de Barros em 1892, hoje é lar de homens e mulheres que cantam, dançam, trabalham e até estudam.

No Padre Cacique só entra quem quer. É pré-requisito que o idoso manifeste desejo de morar no Asilo. Para isso, não são aceitos aqueles que possuam renda mensal de mais de dois salários mínimos. A instituição fica com 70% do ganho mensal de cada um, para arcar com alimentação, roupas e eventuais despesas médicas. Os outros 30% são entregues aos idosos, para eles empregarem como acharem melhor.

Mãe de todos

Caminhando pelo corredor largo, que dá acesso a um dos jardins do Padre Cacique, vem Dona Anahyr. Passos curtos, porém firmes, ela percorre as alas do asilo há um ano e

meio. Foi por opção que Dona Anahyr Dias de Sant'Anna, 87 anos, fez do Padre Cacique seu lar pela segunda vez. A primeira foi quando teve um derrame, aos 80 anos. Já curada, foi embora e tocou sua vida sozinha. Mas o sossego durou até 2008, quando uma nova complicação surgiu. Anahyr sentiu uma tontura e, após sair de uma consulta com seu médico, decidiu voltar a morar no Padre Cacique. Imediatamente, procurou uma vaga. Sob protestos dos parentes, mudou-se para viver uma nova etapa.

Dona Anahyr é uma guerreira. Trabalhou como cabeleireira, aceitou emprego em uma loja de confecções pela metade do salário e foi efetivada em menos de uma semana. Tudo isso tendo cursado somente parte do primário, dando a cara a tapa como a mulher de fibra que é. Solteira por opção, Dona Anahyr não teve filhos. Ajudou a criar a sobrinha, que trata como filha e hoje tem um "tataraneto". "Ele tem paixão por mim. Vem me visitar e pula na minha cama, traz chocolate, traz batata doce assada", entusiasma-se a "mãe adotiva" de alguns moradores do Padre Cacique.

Ativa, Dona Anahyr se orgulha ao dizer que é de ferro. Sofreu dois derrames cerebrais e tem três pontes de safena, episódios que conta mostrando as mãozinhas pequenas e tortas, em decorrência do AVC. Quando entrou no Asilo pela segunda vez, frequentava os bailes semanais que ocorrem na casa, diversão que deixou de lado por culpa do reumatismo. Mas não fica parada: cuida de suas roupas, que lava e passa quase

ANDRESSA OLIVEIRA



diariamente. É sinal da independência, que ela faz questão de ressaltar que é financeira também. "Vivo às minhas custas. Me dediquei, trabalhei e não dependo de ninguém. Eu sou feliz."

Tempo de namorar

Um dos "filhos adotivos" de Dona Anahyr é Assis Malmaçado Nordes, de 69 anos. Casado há 38 anos com Dona Luci Rosa Scolcon Nordes, 59 anos, mora há um ano e sete meses no Padre Cacique com a esposa. A decisão partiu dele, cansado de esperar as promessas do dono da casa onde ambos trabalhavam como caseiros em Ponta Grossa. Queriam um canto só para eles, para que pudessem viver "sem atrapalhar ninguém", como diz Dona Luci, sentada em uma cadeira de balanço.

A chegada no Padre Cacique foi em duas etapas. Primeiro ele, convicto da escolha que fizera. Depois veio Dona Luci, que morou por dez dias com o filho e a nora em Canoas e não suportou a distância do marido. Tal como as mocinhas apaixonadas, Dona Luci sentiu tanta falta do amado que beirou à depressão. Não tardou para que ela também fosse morar no Asilo.

No Padre Cacique, homens e mulheres ficam em alas separadas. Mas isso não os impede de namorar. Depois de quase quatro décadas de casamento, Dona Luci diz que ainda é apaixonada e que adora passar momentos com o marido. Seu Assis confirma, contando que saem para tomar chimarrão, jogar uma conversa fora, visitar os filhos. "Mas é sempre ela que marca o encontro", conta o marido. Mesmo com o amor da família, o casal não pretende sair do Padre Cacique. "Aqui a gente não depende de ninguém, tem nossa privacidade", conta Seu Assis, que completa com emoção: "Quem não gosta daqui não sabe o que é estar bem".

A grande família da vó

Embora o envelhecimento seja um processo natural, a escolha mais comum para lidar com idosos culmina na internação em asilos. Há casos mais raros, de famílias que convidam

os mais velhos para a convivência do lar.

Todos os dias, a movimentação começa cedo na casa da vó Lecy Leghi de Oliveira, 79 anos. Na hora do almoço então, a casa fica ainda mais cheia. Mama mia! "Ninguém dispensa a comida da avó, todos os dias", revela a filha Edite, 55 anos. Depois do caprichado mangiare, os netos assumem a cozinha para cuidar da louça.

Edite foi criada no ambiente da costura. As duas trabalham juntas, fazendo roupas, desde apresentações de balé a peças peculiares e grandiosas, regadas a samba, do Carnaval. Não é difícil ouvir o tec, tec, tec da máquina na calada da noite. A dupla avança madrugada adentro costurando. E a vó aguenta firme, às vezes até mais que a filha.

A vó Lecy dizia que ia parar de trabalhar aos 70 anos, mas a disposição a mantém na ativa, costurando como nunca. No ateliê que têm em casa, a matriarca conta com a companhia de um fiel escudeiro: o gato Mitz. Para lá e para cá, o bichano a acompanha, chama por ela, procura carinho e aconchego na hora de dormir. "É mais um filho", diz a vó. Filhos e netos não faltam nesta animada família de descendentes de italianos. Ao todo, são 12 integrantes: a vó Lecy, a filha Edite, os netos Tiago, 28; Talize, 24; e Túlio, 21; incluindo três gatos e quatro cachorros. Fora a neta, que se mudou após o casamento, e sua yorkshire Raica, todos moram num apartamento na zona norte de Porto Alegre. O marido de Edite, André, já foi adotado como neto pela vó. Ela conta que ao sinal de qualquer dor, o genro já sai correndo para levá-la ao médico. Edite ainda reitera: "Aqui nós somos mãe de todo mundo, os filhos são pai de todo mundo. Eles cuidam muito da avó. No Dia dos Pais, toda a família se reúne aqui, ninguém sai sozinho".

Lecy e Edite vivem juntas há mais de 50 anos, união fruto de uma convivência que deu certo. "Um casamento", completa a filha, entre uma troca de olhar e outra com a mãe, em sinal da cumplicidade mútua que existe neste singelo elo que liga os dois corações. Com a chegada do primeiro filho de

Edite, as duas se separaram por um ano, cada uma na sua casa, mas uma sempre visitava a outra. "A gente não conseguia ficar longe, não ficava sem se ver. Meu filho também. Eu sentia falta dela, ela ficava sozinha, e eu ficava preocupada com ela", explica Edite. "Os meus netos são agarrados comigo. Enquanto ela trabalhava, eu cuidava das crianças. O Tiago saía do colégio e já ia ficar comigo. A Talize costuma dizer que nós casamos e ficaremos juntas pelo resto da vida", acrescenta Lecy. E o neto caçula confirma: "Eu fui criado pela minha mãe e pela minha avó. É uma visão diferente do mundo, porque o pai vai querer passar a mão na cabeça. Elas te ensinam, e a gente aprende muito mais". A filha Edite acrescenta: "Eu não sei ficar longe dela, nem meus filhos. Ela vai ficar comigo até o dia em que uma das duas for embora".

Dona Luci, Seu Malmacedo, Dona Anahyr, vó Lecy. Algumas histórias de vida que provam que não há idade para um recomeço ou simplesmente para viver. É preciso muito mais que tempo para derrubar quem tem vontade de deixar seu legado e ensinar que, na vida, o importante é o que se deixa aqui.

Vó Lecy é a matriarca de uma família formada por três gerações

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

O sol brilhava forte naquele sábado. Da janela do ônibus, vimos o nosso destino, um enorme casarão, com paredes claras e um imenso jardim. Após subir a escadaria, partilharíamos experiências invisíveis aos olhos de visitantes passageiros. Logo na entrada, um deles esperava ansioso pela chegada do padrinho, como fazia todos os finais de semana. Com o jornal na mão, contava-nos as últimas notícias e os anseios que almejava no futuro. Nos corredores, o silêncio era quebrado pelo som dos pássaros e pelas histórias de vida que iluminavam o local e mudavam aquela primeira imagem que tínhamos ao pensar em asilos. Um ambiente recheado de surpresas e frustrações. A dúvida de viver longe da família e o encontro com novos laços de afeto. No dia seguinte, a calorosa recepção da casa da vó Lecy e o forte elo que a une a família, afastando qualquer possibilidade de separação. Felicidades distintas, cada uma a seu modo. Em comum, a vontade de compartilhar sua história.

LARISSA AMARAL

